

O reforço da negação no português falado do Brasil

JENNIFER MOURA CHAVES

Especialista em Literaturas Africana e Portuguesa pela UFRJ. Professora de Língua Estrangeira na Rede de Ensino Privada do Rio de Janeiro-RJ. e-mail: jriobr@gmail.com

VICTOR HUGO RIBEIRO DE SOUSA

Especialista em Língua Latina pela UERJ. Professor de Língua Francesa e Portuguesa na Rede Privada de Educação Básica do Rio de Janeiro-RJ.
e-mail: victorhugo.sousa@oi.com.br



INTRODUÇÃO

Tendo em vista que as gramáticas tradicionais da língua portuguesa não tratam de muitas propriedades da língua com profundidade – destacamos aqui o caso das orações negativas – e que seu foco é a modalidade escrita da língua, para um conhecimento mais detalhado do vernáculo, faz-se necessário um estudo mais compenetrado, com fontes alternativas e diversificadas. Motivada por este entendimento, esta pesquisa se desenvolve a partir da ótica linguística de algumas sentenças negativas do português brasileiro, mais precisamente de estruturas com dupla negação, como: “Não sei, não”; “Não sei de nada” e “Não, não quero”, almejando um conhecimento mais aprofundado do vernáculo em sua modalidade falada.

Tendo em vista o objetivo supracitado, por meio de comparações entre algumas características das línguas latina, francesa e portuguesa, espera-se expor e analisar algumas particularidades do marcador de negação *não* do português, possivelmente herdadas do latim ou surgidas no período que culminou no desaparecimento da língua latina e no aparecimento das novilatinas, ou seja, de transição entre o latim e o grupo das neolatinas. Para tal tarefa, utilizaremos como principais fontes de dados: gramáticas normativas, linguísticas e artigos sobre as línguas analisadas.

A NEGAÇÃO DUPLA NO LATIM: DUPLICADA E DOBRADA

No latim, a negação era representada pelas palavras *ne, nec, neque, non, nei¹, ni*. Contudo, para esta pesquisa, será destacada somente a primeira forma. A palavra *ne* tinha uma forma breve (*nĕ*) e uma forma longa (*nē*). Segundo Torrinha (1945, p. 546), *ne* breve não ocorreria sozinha e apareceria agregada a palavras como *nisi* (*ne+ si*), *nemo* (*ne+ homo*), *nullus* (*ne+ hill[um]*), *nefas* (*ne+ fas*). Desse modo, as palavras anexadas a *ne* se tornavam quantificadores negativos.

Nē seria a evolução de *non* (*ne+ oin[os]/ unus*), que no período imperial seria muito usada em poesias. Temos como exemplos dessa época as formas: *non homo/nemo* (ninguém), *non nihil* (algo), *nihil non* (tudo), *non nemo* (alguém), *nemo non* (todos), *non nullus* (algum), *non nunquam* (alguma vez), *non nollo* (não recusar ou consentir) (Silva, 2012, p. 302).

Non, seguido de negação, por vezes, mantinha seu valor negativo, como em: “*Iura te non nociturum nemini*” (Jura que não farás mal a ninguém) (Martins, 1994, p. 180 *apud* Oliveira, 2011, p. 685). Mas também acontecia de a dupla negação ser interpretada como afirmação, como ilustra Ernout (idem, *ibidem*): “*d'ordinaire, deux negations en presence dans la même phrase se détruisent en latin et équivalent a une affirmation*”². Desse modo, tem-se: “*Nemo non benignus est sui iudex*” (Sêneca, Bassols, 1980, p. 51) (Toda gente é juiz benigno de si mesma) e “*Quae res etiam non nullam afferebat deformitatem*” (Ernout e Thomas, 1953, p. 154) (Aquela coisa também (lhe) trazia alguma fealdade) (idem, 2012, p. 52).

No latim clássico, os quantificadores de negação se compunham do *nĕ* mais um pronome e estes se bastavam para compor a negação: “*Mihi neminem dederis*” (Cícero, *apud* Ernout e Thomas, 1953, p. 53) (Não me dês ninguém) e “*Is nullus venit*” (Plauto, *apud* Ernout e Thomas, *ibidem*) (ele não veio mesmo) (idem, *ibidem*). Caso surgisse outra negação na mesma oração, pela regra geral, ela se tornava afirmativa: “*huius hortatus praeceptisque confirmata nonnullis aliquando salutis fuit...*” (desta exortação e de alguns preceitos, foi encorajada enfim à ventura...) (Cícero *apud* Nóbrega, 1962, p. 24); “*hic Romae, propter tranquillitatem rei publicae, non neglegebantur*. (Aqui em Roma, não eram negligenciados, por causa da tranquilidade da república)” (idem, 1962, p. 28) e “*Non inutilis est etiam illa propagation*” (Não é inútil também aquela propagação) (Columella *apud* Nóbrega, 1962, p. 763)³.

O latim vulgar, por sua vez, viu o aparecimento de uma segunda negação na oração não para marcar afirmação, mas para reforçar seu valor negativo, como podemos acompanhar em um dos exemplos citados por Ana Maria Martins: *Iura te non*

¹ Forma arcaica do advérbio de negação.

² Pela regra, duas negações na mesma frase se anulam e equivalem a uma afirmação.

³ Litote consiste em fazer uma afirmação, através da negação, como no exemplo selecionado acima. Portanto, “é útil também aquela propagação”.

nociturum nemini [Jura que não farás mal a ninguém] (Martins, 1994, p. 180 *apud* Oliveira, 2011, p. 685).

Em contrapartida, no latim vulgar, surgiram sentenças em que havia dupla negação, e uma dessas servia de reforço, pela sua regra geral, como em “*Et nulla fontes aquem non abebat*”⁴ (inscrição tardia de África. Maurer. 1959: 212) (E nenhuma fonte tinha água) (Martins, 1994, 180 *apud* Oliveira, 2012, p. 52). Construções como essas teriam seu surgimento no latim arcaico, de modo que elas são encontradas em Plauto, em Ênio e em Lucílio:⁵ “*Neque ego homines magis asinos numquam uidi* (Plaut. *Pseud.* 136)” (Nem eu nunca vi homens mais asnos) e “*non respondes nihil*” (Marc. 14, 60) (*cod. Cant.*) (Vulg. *quidquam*)” (Tu não respondes nada) (Orlandini e Poccetti, 2016, p. 13-15). Mas há vestígios também de latim vulgar, no período imperial, em Petrônio: “*nemini tamen nihil satis est*” (Petr. 76) (A ninguém, contudo, nada é suficiente) (*idem, ibidem*).

Nas sentenças acima, a dupla negação era composta por duas palavras negativas. Logo, a negação era multiplicada, ou seja, duplicada. Além disso, nessa variante, apareceram expressões como *nulla res nata* (nula coisa nascida), na qual somente *nulla* se aproximava de uma negação e as outras duas palavras passaram a ser interpretadas como negativas, neste contexto, ao acompanhar *nulla* (Oliveira, 2011, p. 688). Essa expressão significava “nada” e dela surgiu o *ne ... rien* do francês e o *nada* do português. Neste caso, poder-se-ia dizer que a negação seria dobrada, já que se divide a carga negativa entre alguns termos não negativos, tornando-os negativados.

Em face da descoberta dessas duas sentenças com negação dupla, decidiu-se nomear a negação dupla em que há dois termos negativos como “negação duplicada” e aquela em que há um termo negativo e outro negativado de “negação dobrada”.

Segundo Mateus (2011, p. 2), essa situação de reforço, no latim vulgar, manter-se-ia mesmo depois do desaparecimento da língua, chegando às novilatinas. Reforçam sua afirmação frases do francês como: “*Je ne l'ai pas vu(e)*”; “*Je ne connais personne*”; “*Je ne sais rien*”, equivalentes a: “Não o/a vi (não)”; “Não conheço ninguém” e “Não sei nada”, no português.

⁴ A descrição em latim está corretamente ditada, tendo em vista que é uma fonte do latim vulgar.

⁵ As traduções das citações abaixo são de nossa autoria, bem como os exemplos e as demais traduções não destacados por aspas, ao longo do artigo.

A COMPOSIÇÃO DA NEGAÇÃO NO FRANCÊS
E DA DUPLA NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS

No francês, existe a *négation totale*, representada por *non*, e a *négation partielle* ou *relative*, que é uma frase composta pela palavra *ne* e um segundo termo, podendo ser: *pas, plus, rien, personne, aucun, guère, nul, jamais, ni... ni*, mais o verbo. No caso do português, embora não abordado nas gramáticas normativas, é comum encontrar falantes duplicando o elemento *não* nas sentenças enunciadas em seu cotidiano.

Exemplos de negação total e parcial:

- Tu vas au cinéma aujourd'hui? (Tu vais ao cinema hoje?)
- *Non, je n'y vais pas* (*Não, não vou, não.*)

Na resposta à pergunta, vê-se tanto a negação total quanto a parcial e se percebe que, enquanto na língua francesa tem-se três elementos negativos com formas diferentes, na língua portuguesa há somente uma forma para essas três negações. Esta pesquisa dará seguimento essencialmente à negação parcial das duas línguas.

As frases negativas destacadas acima são um exemplo de regra geral da negação em suas respectivas línguas. No francês, a regra se constitui de um marcador e um quantificador negativos (*Je ne veux pas*), e no português, dois marcadores negativos (*Não quero, não*). Contudo, também é comum o uso de negação dupla composta pelos mesmos elementos da negação padrão francesa no português, como em: "Não sei nada"; "Não conheço ninguém" e "Não gostei de nenhum deles". Vejamos, agora, algumas construções sintáticas do latim, para prosseguir com a análise das neolatinas acima.

Exemplos de negativas duplas como afirmação:

- a) "*Nemo non benignus est sui iudex*" (Toda gente é juiz benigno de si mesma).
- b) "*Quae res etiam non nullam afferebat deformitatem*" (Aquela coisa também (lhe) trazia alguma fealdade).

Exemplos da segunda negação na oração para reforçar o sentido negativo:

- a) "*Et nulla fontes aquem non abebat*" (E nenhuma fonte tinha água).
- b) "*Iura te non nociturum nemini*" (Jura que tu não farás mal a ninguém).⁶
- c) "*Nonne plebeio sermone agere tecum?*" (Não pareço tratar contigo na língua do povo?) (Martins, 2006, p. 24).

Diferentemente dos exemplos do latim, de modo geral, os quantificadores

⁶ Com exceção do exemplo c) desta página, os demais já foram citados nas páginas anteriores e as informações sobre suas fontes se encontram nelas.

negativos do francês não são justapostos ou aglutinados a uma outra palavra negativa em sua formação. A negatividade ocorre geralmente na semântica delas, como em *personne*, que é pessoa, mas também é ninguém, e *pas*, que é passo, mas também é não. Nesses casos, a mudança ocorre no contexto.

La négation peut s'exprimer par un mot-phrase: non, ou par une phrase négative qui contient deux termes: ne, qui est placé devant le verbe et ne peut être séparé de lui que par le pronom, et un deuxième terme: pas, plus, jamais...⁷ (Quinton, Mimran e Le Coadic, 2007, p. 224).

Já no português, existem palavras específicas para representar esses quantificadores e elas teriam origem nos termos latinos negativos usados com a mesma finalidade, a saber: nenhum(a), etimologicamente é a anexação não + algum (*ne + uno*), bem como ninguém, não + alguém (*nec + quem*). Diferentemente dos exemplos citados anteriormente, os pronomes *nihil*⁸ e *nunquam*⁹ seguem outras lógicas de desenvolvimento nas duas línguas, que podem ser vistas na nota de rodapé.

Assim como os marcadores negativos, os quantificadores também podem formar uma expressão ou frase negativa sozinhos no português, como podemos atestar nos exemplos de quantificadores abaixo:

- I. *Ninguém* gosta de ser maltratado.
- II. *Nada* satisfaz Pedro.
- III. *Nunca* se soube a verdade.

DUPLA NEGAÇÃO OU NEGAÇÃO DOBRADA?

Aprofundando-se nos exemplos supracitados: “Iura te *non* nociturum *nemini*” (Jura que tu não farás mal a ninguém) e “Et *nulla* fontes aquem *non* abebat” (E nenhuma fontes tinham água), note-se que, no primeiro exemplo, a negação dupla aparece na posição de objeto de uma oração infinitiva (sujeito no acusativo e verbo no infinitivo futuro, com *esse* oculto) e, no segundo exemplo, a negação aparece na posição de sujeito.

⁷ “A negação pode ser expressa por uma palavra-frase *non* ou por uma frase negativa composta de dois termos: *ne*, que se coloca antes do verbo e pode ser separado dele por um pronome, e um segundo termo; *pas*, *plus*, *jamais*”.

⁸ Com o surgimento da expressão *nihil res nata*, esta é abreviada como *rien* (*res*) no francês e como *nada* (*nata*) no português, extinguindo dessas duas línguas a forma pronominal *nihil*.

⁹ No português, chegaram as expressões *nunca* e *jamais* como sinônimas; no francês, apenas o *jamais*.

Os exemplos que se aplicam ao francês, tanto da negação como objeto, quanto da negação como sujeito, estão destacados nos exemplos abaixo¹⁰:

- Tu iras à l'école à demain? (Tu irás à escola, amanhã?)
- Non, *personne n'y ira à demain* (*¹¹Não, *ninguém não* irá, amanhã/ Não, *ninguém* irá, amanhã).

Nas sentenças do francês, a negação dupla ocorre normalmente na posição de sujeito. Entretanto, em português, ela não se aplica à mesma posição, tornando-se agramatical¹².

Baseando-se em algumas crônicas do português arcaico, diz-se que o aparecimento de quantificadores junto a marcadores de negação na posição pré-verbal era opcional no português medieval, como por exemplo, em: “que nenhũu nõ sca-pou” (*Crônica Geral de Espanha de 1344 apud Negação sentencial...*, 2016, p. 6) e “Nenhũu nom mostrava que era famiinto” (Fernão Lopes, *Crônica de D. João I, apud Freire (org.), 1997, p. 270 apud Negação sentencial, 2016, p. 6*). Contudo, a presença dos dois nessa posição, em português moderno, torna a frase agramatical. Veja os exemplos: *Ninguém* (*não) conseguiu passar no vestibular; *Nada* (*não) foi feito em favor dos pobres; *Nenhum* aluno (*não) conseguiu passar no vestibular.

Quando o verbo é flexionado e o termo negado está na posição de objeto em ambas as línguas, o verbo fica entre os dois termos negativos. Vejamos os exemplos abaixo para ratificar nossa afirmação:

- I. Je *ne* connais *personne* (Eu não conheço ninguém/ “*Eu conheço ninguém).
- II. – Vous avez vu Louise? (Você viu a Louise?)
– Non, je *ne* l’ai vue *pas* (Não, não vi, não/ Vi não.)
- III. Marie *n’a pas* d’amies (Marie não tem amigas/ Maria não tem nenhuma amiga/ *Maria tem nenhuma amiga.)
- IV. Ils *ne* mangent *rien* (Eles não estão comendo nada/ *Eles estão comendo nada).

O uso de quantificadores negativos sem reforço para sua negação na posição de sujeito também pode gerar agramaticalidade. No francês, é normativo dobrar a negação tanto na posição de sujeito, quanto na de objeto. No entanto, na língua falada, é mais comum encontrar estruturas com negação simples na posição

¹⁰ Por outro lado, nem sempre os exemplos do francês se aplicam ao português. Exemplo: *Rien n’a changé depuis mon départ* (fr). (**Nada não* mudou desde minha partida./ *Nada* mudou desde minha partida.)

¹¹ *Marcação usada para informar quando uma característica é agramatical.

¹² Agramatical: termo usado quando uma característica não faz parte de certa língua (definição da gramática gerativa).

de objeto, como: “J’ai *plus* d’argent” (Eu não tenho mais dinheiro); Nous l’avons vu(e) *jamais* (Nós nunca o/a vimos.); “J’ai *aucune* idée” (Eu não tenho nenhuma ideia.) e “Je sais *rien*” (Eu não sei nada), enquanto na posição de sujeito não é possível dispensar o *ne*.

Desse modo, na posição de sujeito, tanto na língua portuguesa quanto na francesa, mantêm-se engessada a forma negativa estabelecida pela norma padrão. No caso do português, a negação simples, e no caso do francês, a negação dobrada.

Para Pollock (*apud* Vitral, 1999, p. 5), o *ne* seria um clítico, enquanto *pas*, *plus*, *rien*, *personne*, *jamais* seriam seus especificadores. Se este se trata de um clítico, ele não pode aparecer sem que haja um termo a ser referido, senão ele não teria sentido, ao contrário dos quantificadores negativos, que agiriam como expressões referenciais¹³. Por isso, é possível que os elementos *pas*, *plus*, *jamais* apareçam desacompanhados de *ne*, enquanto essa partícula não aparece sozinha, salvo em alguns casos muito específicos, como com os verbos *pouvoir* e *cesser*, nos quais ela representa exclusivamente a negação.

No latim, é possível encontrar sentenças como: *Non* te relinquam “*iam magis*” (adv. tempo) e *Non* te relinquam “*semper*” (adv. tempo), em que os dois advérbios de tempo ganham carga negativa e as sentenças poderiam ser traduzidas como: “Je *ne* t’abandonnerai *jamais*” e “Eu não te abandonarei *jamais*”. O advérbio latino *semper* chegou ao português com seu sentido positivo mantido, ao contrário de *iam magis*, que originou o advérbio *jamais* e é sempre traduzido de forma negativa, tanto no francês quanto no português. Desse modo, podemos afirmar que os dois advérbios latinos citados acima possuíam uma única forma, tanto para as sentenças positivas quanto para as negativas, e que quando apareciam em sentenças negativas, eles recebiam a carga negativa da partícula de negação, compartilhando a mesma carga. Nas línguas francesa e portuguesa, *jamais* se tornou a própria negação. Entretanto, no francês, o termo *ne*, conforme consta em suas gramáticas normativas, recebe carga negativa parcial de elementos como *personne*, *plus* e *pas*, palavras positivas que se tornam negativas de acordo com o contexto e formam a negação da língua, chamada de *négation partielle*. *Rien* e *aucun(ne)* não aparecem em contextos positivos, porém, a mesma regra se aplicou a eles.

Dito isso, pode afirmar-se que, como nas sentenças analisadas do latim, o francês não possui negação dupla, mas dobrada; pois motivado pela pouca compreensão da sua negação, o francês começou a dobrá-la, mas não a duplicou. Desse modo, geralmente o *ne* informa que vai ocorrer uma negação, que se concretiza com um dos segundos termos negativos da língua.

No português, o pronome indefinido *algun(a)* pode aparecer com sentido de *nenhum(a)*, de acordo com o contexto no qual é aplicado. A essa estrutura, dá-se o nome de *negativa intensiva*. Exemplos:

Em hipótese “alguma” eu te abandonaria.

De modo “algum” eu disse isso.

¹³ Expressões referenciais são termos que introduzem um elemento numa expressão.

*Pessoa “alguma” te faltará com respeito aqui.
Não encontrou “coisa alguma” naquele autor.
Não compareceu “pessoa alguma” à audiência.
Não encontrou “saída alguma” para o caso.
Não tem “problema algum”.*

As estruturas acima expressam sua negatividade pelo contexto, visto que as formas pronominais positivas e negativas não são distintivas. Da mesma forma, atestam-se sentenças negativas na língua francesa.

Na língua portuguesa, existe a negação dobrada, como nas frases acima, comparadas a frases do francês, como “*Je ne t’abandonnerai jamais*” ou “*Je ne ferai jamais cela*” e às expressões *non iam magis* e *nulla res nata*, do latim vulgar. Contudo, o português também faz uso de negação duplicada, inclusive com maior frequência que a forma supracitada, como em “Não te abandonarei nunca” ou “Não faria isso nunca”, semelhante às expressões “*Iura te non nociturum nemini*” e “*Et nulla fontes aquem non abebat*”, do latim.

Como observado, o francês reforça sua negação mais foneticamente do que semanticamente, tanto que a maioria das palavras usadas para serem reforçadas eram de polaridade positiva e são mais marcadas foneticamente do que o *ne*, que agora funciona como o reforço. Desse modo, ele não possui negação duplicada, mas negação dobrada e não serve para esclarecer o fenômeno da dupla negação do idioma lusitano, plenamente. No português, quando aparece uma negação dobrada, o elemento *não* continua sendo o polarizador negativo, ou seja, é ele quem distribui a negatividade para o segundo termo negativado, diferentemente do francês. Exemplos:

*Je ne sais pas > Je sais pas / Não sei, não > Não sei.
Je n’ ai vu rien > J’ ai vu rien / Não vi nada > Não vi.*

HIPÓTESE DO SURGIMENTO DA DUPLA NEGAÇÃO COMO REFORÇO DA NEGATIVIDADE

Quando há função apositiva, o elemento destacado concentra o valor semântico e é reforçado na sentença, como pode ser observado em “Não, não quero” e “Não, não vou”. Quando os elementos negativos preenchem os espaços do sujeito e do objeto, o elemento do primeiro caso pode aparecer de maneira enfraquecida ou nem aparecer. Exemplos:

- I. Não quero nada./ Quero nada.
- II. Não gosto de ninguém./ Gosto de ninguém.
- III. Não quero nenhum./ Quero ninguém.

Ainda em orações com dois marcadores, a primeira partícula deveria ser

única ou a mais representativa, segundo a norma padrão. Entretanto, em algumas regiões brasileiras, o segundo *não* se torna o único pronunciado, como em: “Quero não”; “Vou não” e “Gosto não”.

Sendo assim, é possível afirmar que o *não* do português não sofreu enfraquecimento fonético, como o *ne* do francês, para precisar ser substituído por outro termo. Contudo, sua posição se tornou desfavorável e sua multiplicação se dá por um deslocamento dele para uma posição mais favorável (pós-verbal). Isso ocorre tanto no português quanto no francês. Em se tratando do português, isso não ocorre quando a negação aparece de maneira topicalizada (ou apositiva), pois a vírgula auxilia em seu destaque.

Todavia, explicar a dupla negação apenas como uma etapa da mudança de posição da negação do português exclui o fato de essas estruturas já existirem no latim e se manterem nas novilatinas em questão, pois embora condenada no latim clássico, a dupla negação é anterior ao surgimento dessa variante latina.

Com base nisso, concluiu-se que tanto o deslocamento quanto o dobramento e a duplicação da negação são recursos do português (tendo os dois últimos advindos do latim) para dar destaque à partícula negativa *não*, quando aparece enfraquecida em posição pré-verbal, o que é uma tendência nas neolatinas pesquisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, comparadas as línguas latina, francesa e portuguesa, observou-se que as línguas latina e portuguesa possuem negações duplicada e dobrada como reforço de negação, enquanto o francês possui apenas negação dobrada. No que diz respeito à negação duplicada, o português tem propensão advinda do latim vulgar, enquanto a do francês segue a regra do latim clássico, na qual duas negações geram uma afirmação. Entre as neolatinas, também se constatou a tendência de a posição pós-verbal ser mais favorável à negação.

A partir da literatura e dos dados analisados, parte-se de duas possíveis origens para a ocorrência das negações duplas: de elas serem apenas tendências herdadas do latim para realçar a negação, que se torna enfraquecida em posição pré-verbal nas novilatinas, e delas como uma etapa para o fenômeno da mudança de posição da negação nas respectivas línguas.

No português, que seria a língua foco dessa pesquisa, encontram-se em sua estrutura negações reforçadas por marcadores negativos, por quantificadores negativos e por quantificadores afirmativos. Por conta do fenômeno de deslocamento da negação no vernáculo, além das negações dobradas e duplicadas, identificam-se negações pré-verbais (total e parcial) e pós-verbais, nas estruturas enunciadas por falantes brasileiros, na tentativa de realçar a negação na sua fala.

Desse modo, conclui-se o propósito desta pesquisa, de um aprofundamento nos estudos de sentenças negativas que fazem uso de reforços de negação.

REFERÊNCIAS

- Alvarez, Beethoven Barreto. *Considerações sobre as interrogativas no Amphitrvo de Plauto*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2008.
- Bassols, M. *Sintaxis Latina*. 9 ed. Madrid: CSIC, 1980 [1962].
- Carneiro, Francisco da Silva; Silva, Amós Coêlho da. *Fundamentos Clássicos da Língua Portuguesa*, 1980. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/volume1/numero1/07.htm>. Acesso em: 24/07/18
- Do Latim ao Português Antigo* (Apostila do curso de graduação em Letras, UFRJ).
- Ernout, A.; Thomas, F. *Syntaxe latine*. Paris : Éditions Klincksieck, 1953.
- _____. *Syntaxe latine*. 2 ed. Paris: Éditions Klincksieck, 1972.
- Frade, Mafalda. A Negação em “Jamais”. *Cadernos WGT: A negação* (setembro 2010). *Grammaire Reverso*. Disponível em: http://grammaire.reverso.net/3_1_40_ne_expletif.shtml. Acesso em: 08/04/16
- Jacobina, Blanche Thiry. *Grammaire Française*. 8 ed. Rio de Janeiro: Ed. Paulo de Azevedo Ltda, 1961.
- Lawless, Laura K. *A negação no Português Informal - pas sem ne*. Disponível em: <http://www.forumdeidiomas.com.br/a-negacao-informal-em-frances-pas-sem-ne-t548.html>. Acesso em: 07/04/16
- Martelotta, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- Martins, Maria Cristina. A língua latina: sua origem, variedades e desdobramentos, *Revista Philologus*, 36 (2006): s.p.
- Mateus, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6 ed. Lisboa. Ed. Caminho, 2004.
- Mateus, Pedro. *Sobre a dupla negação: não... nenhuma*. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/sobre-a-dupla-negacao-nao-ningum/29901>. Acesso em: 08/04/16
- Melo, Elaine Alves Santos. *Mudanças morfossintáticas: do latim ao português*. Faculdade de Letras/UFRJ. Curso: História da língua portuguesa. 2015/02.
- Mioto, Carlos; Silva, Maria Crisina Figueiredo; Lopes, Ruth Elizabeth Vasconcelos. *Manual de sintaxe*. 2 ed. rev. Florianópolis: Ed. Insular, 2000.
- Negação sentencial na diacronia do português: variação com estabilidade*. Disponível em: www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/pesquisa/.../NAMIUTI_C_negacao_sentencial.pdf. Acesso em: 08/04/16
- Nóbrega, Vandick L. da. *A Presença do Latim*. Rio de Janeiro: INEP, 1962.
- Oliveira, Raquel de Fátima Cruz. *Gramaticalização e semanticização da partícula de negação rem de uma perspectiva multissistêmica*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.
- Oliveira, Roberto Arruda de. Aspectos do latim vulgar, *Entrepalavras*, 3(3): 143-151, 2013.

- Orlandini, Anna; Poccetti, Paolo. *Quel statut pour le latin quisquam et l'osque pídum?*. Universidade de Toulouse e Universidade de Roma. Disponível em: <http://docplayer.fr/15372096-Quel-statut-pour-le-latin-quisquam-pidum.html>
- Participios e orações em latim. Disponível em <http://www.resumosetrabalhos.com.br/participio-e-oracoes-em-latim.html>. Acesso: 13/12/16
- Pinto, Clara. *O marcador de negação metalinguística "nada" em PE*. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Lisboa Faculdade de Letras Departamento de Linguística Geral e Românica, 2010.
- Silva, Amós Coêlho da; Montagner, Airton Ceolin. *Dicionário Latino-Português*. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 2012.
- Silva, Márcia Regina de Faria da. *Do Latim ao Português*. Apostila para o curso de Especialização em Língua Latina, na UERJ, 2010.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e. Novas contribuições para a história da língua portuguesa: ainda os limites do português arcaico. *Artigos Inéditos: Língua e Sociedade*, Revista da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2(2007): 99-114
- Torrinha, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. 3 ed. Porto: Marânus. 1945.
- Vital, Lorenzo. *A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 22/02/16.

ARTIGO RECEBIDO EM 01/03/2018; APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM 30/05/2018

RESUMO: O presente trabalho é uma análise aprofundada do fenômeno da dupla negação como reforço da negação no português brasileiro. Partindo das informações de que a dupla negação tendia a tornar-se uma afirmação no latim clássico e a tornar-se reforço no latim vulgar, esta pesquisa se desenvolve pautada na comparação entre o latim e o português, considerando que a primeira língua deu origem à segunda. O francês também fará parte dessa comparação, uma vez que também se trata de uma língua neolatina e possui dupla negação. Desse modo, propõe-se determinar a origem e o funcionamento dessa propriedade da língua portuguesa, usando como principal fonte de dados: gramáticas normativas, linguísticas e artigos.

PALAVRAS-CHAVE: Português brasileiro. Latim. Francês. Dupla negação. Reforço da negação.

ABSTRACT: The present work is a developed analysis of the phenomenon of double negation as a reinforcement of negation in Brazilian Portuguese. Based on the information that the double negation tended to become an assertion in the Classic Latin and to become a reinforcement in the Vulgar Latin, this research is based on the comparison between Latin and Portuguese, considering that the former gave origin to the latter. French will also be part of this comparison, since it is also a Neo-Latin language and has double negation. Thus, it is proposed to determine the origin and the function of this feature of the Portuguese language, using as main source of data: normative, linguistic grammars and articles.

KEYWORDS: Brazilian Portuguese. Latin. French. Double negation. Reinforcement of negation.